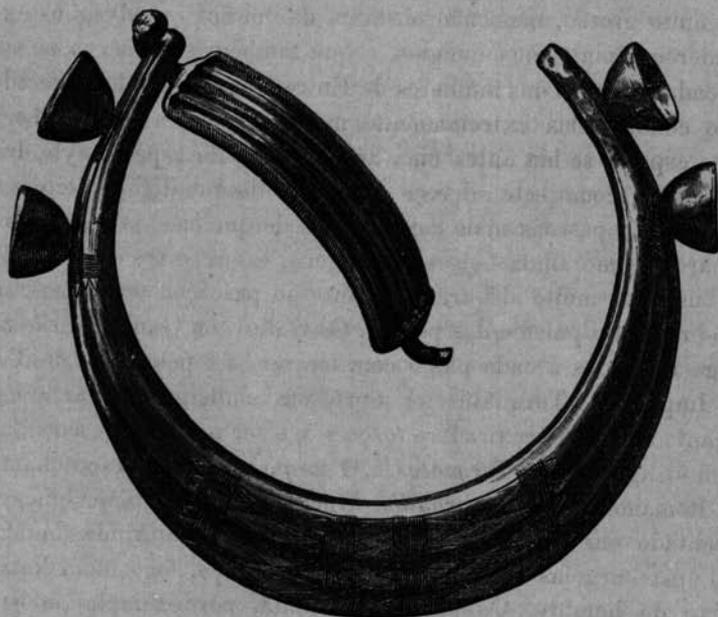


Xorca de ouro

A pag. 160 d-*O Archeologo Português* referi-me, por informações, a um adereço de ouro apparecido em Cintra. Como o seu dono o Sr. Joaquim Paulo, de Cintra, me fez o favor, não só de m'o deixar examinar, mas de me dar uma photographia d'elle, posso agora ministrar aos leitores d'esta revista mais algumas noticias.



O adereço é formado de tres arcos unidos nos topos, e adherentes em todo o comprimento, de curvatura successivamente menor, e de secção circular, que tambem vae deminuindo em diametro, a partir do meio para as extremidades. Os dois topos do adereço ligam-se entre si por uma faixa cannellada anteriormente, de uns 0^m,074 de comprimento, e de uns 0^m,022 de largura, a qual está articulada num dos topos do adereço, e póde prender-se ao outro por um colchete. Cada um dos tres arcos componentes do adereço está ornado exteriormente: os ornatos consistem em angulos e curvas. O aspecto geral do objecto é o de um tronco de cone. Junto a cada um dos dois topos ha duas campanulas seguidas. Diametro maior do objecto uns 0^m,135; diametro menor uns 0^m,12; altura maior, na frente, uns 0^m,033; pêsso, segundo a informação do Sr. Paulo, 1262 grammas, o que lhe attribue um valor real proximo de 1:000,000 réis!

Em que parte do corpo se trazia este objecto? A differença dos diametros, que dá, como disse, aspecto levemente conico ao objecto, permittia que elle se adaptasse bem á parte inferior da coxa; depois de adaptado, fechava pelo colchete, e mantinha-se em parte por alguma pressão nos tecidos da coxa, em parte talvez por uma fita que se prenderia nas campanulas. Seria pois um adereço da coxa, de trazer logo por cima do Joelho. Para a parte inferior da perna e para o pulso seria largo de mais; para o pescoço podia servir, num pescoço não muito grosso, mas, não obstante darem-nos os selvagens exemplo de adereços muito incommodos, o que tambem se observa no uso das arrecadas de ouro nas mulheres de Entre-Douro-e-Minho, este adereço, como collar, seria extremamente molesto; para a parte superior do braço esperar-se-hia antes uma armilla mais de aspecto cylindrico do que conico, como este adereço é. Apesar do que digo, sujeito a minha opinião á de pessoas mais competentes do que eu. — Os antigos povos barbaros, como ainda hoje os selvagens, e em certos casos os civilizados, usavam muito de argolas, tanto ao pescoço, como no braço, no ante-braço, no pulso e nas pernas. Os Gallos, ou Gauleses, são na arte antiga figurados a cada passo com *torques*; foi pelo facto de T. Manlius Imperiosus Torquatus ter morto em combate singular um gaulês agigantado, e lhe ter tirado o *torques*, e o ter posto ao pescoço, que recebeu o agnome de *Torquatus*¹. O *torques* do ante-braço chamava-se nos Romanos *torques brachialis*. Um guerreiro lusitano, que está representado em estátua no jardim real do Paço da Ajuda, em Lisboa, tem umas argolas na parte superior do braço, logo immediatamente abaixo do hombro. Os povos da Lunda, por exemplo, adornam-se frequentemente enfiando argolas, ou atando fios, no braço e na parte inferior da perna². — A referida estátua da Ajuda, e a outra que está com ella, da mesma epocha, mostram a possibilidade de o adereço de Cintra, que constitue o objecto d'este artigo, se trazer, como *suppus*, na parte inferior da coxa, superiormente ao Joelho, sem que o vestuario impedisse que elle se visse: de facto, os guerreiros, representados nas estátuas, usam sáios, que terminam pouco mais ou menos ao meio da coxa, e por tanto deixando a descoberto a parte inferior.

¹ Tito Livio, *Ab urbe condita*, VI-42; VII-10. É em virtude d'esta tradição que no reverso de uma moeda da familia Manlia se vê um *torques* circumdando a figura principal: cfr. Babelon, *Monnaies de la République Romaine*, II, 176-177.

² Vid. Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda*, Lisboa 1890, pag. 338 e 357-360.

As campanulas que adornam o adereço de Cintra não apresentam signaes de terem tido badalos, apresentam apenas dentro uma pequena haste fixa, o que dá aos ornatos o aspecto de certas flores silvestres amarellas, chamadas mesmo «campainhas»; seriam pois meros adornos. Uma campanula que tocasse, nestas condições, não seria realmente facto digno de estranheza. Recorrendo outra vez aos povos da Lunda, achamos nelles os seguintes costumes: «*Manjata (majata)*:— São duas ou tres fiadas de fructos, *cabúdi*, a que depois de seccos tiram o miolo, e onde mettem pequenas sementes para chocalharem. Trazem-nas presas no delgado das pernas e gostam de andar com ellas para sentirem a bulha que fazem. . . . Tambem usam pequenos tubos de ferro enfiados em um arame, tanto no delgado das pernas como nos pulsos, para o mesmo effeito. Hoje, por analogia, faz-se o mesmo com os guisos (*capocolo*) e com campainhas pequenas (*guênzua*), que os negociantes lhes levam. Chegam a usar mólhos de guisos na cintura»¹. Que admira pois que um adereço como o de Cintra pudesse ter realmente campainhas, que tocassem? Em todo o caso, as campanulas conservam provavelmente o vestigio de mais antigos usos. Actualmente entre nós só se costumam pôr chocalhos, campainhas ou guisos ao pescoço dos animaes; se umas vezes, como no gado, os chocalhos tem por fim evitar que os animaes se transviem, outras vezes, como nos cavallos, tem-se tambem em conta o enfeite, e não se pretende sómente fazer que os animaes dêem ao longe signal de si. Na obra intitulada *Recherches anthropologiques dans le Caucase*, t. II, pag. 70 e 71, e est. LVII, descreve e figura o Sr. E. Chantre uns *pendeloques* de bronze munidos tambem de campanulas, os quaes pertencem a um cemiterio (Stepan-Tzminda, — Kazbek) da primeira idade do ferro.

Visto, como parece, convir para adereço das pernas o objecto achado em Cintra, que nome especial se lhe deve dar?

As palavras que mais vulgarmente se empregam para designarem os objectos d'esta natureza são *torques*, *bracelete*, *armilla*, *pulseira* e *manilha*. A palavra *torques*, do latim *torques* ou *torquis*, que se relaciona etymologicamente com o verbo *torquere*, *torcer*, podia ter significação geral, e effectivamente os Romanos tinham o *torques brachialis* (do braço), como a cima notei; mas o usual é empregar-se a palavra *torques* como synonyma de *collar*. A palavra *bracelete*, apparentada com *braço*, como a francesa *bracelet*, e a hespanhola *brazalete*,

¹ Henrique de Carvalho, *ob. cit.*, pag. 360 e 361.

designa propriamente um adorno do braço. *Armilla*, apesar das significações que tem tido, vem do latim *armilla*, que deriva de *armus*, *hombro* e *parte superior do braço*, e por extensão *braço*. A palavra *pulseira* deriva de *pulso* e tem significação muito restricta. *Manilha*, do hespanhol *manilla*, que deriva de *mano*, com quanto, como diz Moraes no *Diccionario da lingua portuguesa*, se applique a qualquer adorno que se traz «nos braços e noutros membros» revela ainda, a quem a emprega, certa restricção de sentido. Por conseguinte, em virtude de tantos equívocos a que aquellas palavras se prestam, podemos adoptar uma que, tendo por si á auctoridade dos nossos classicos, evite todos esses equívocos. É *xorca*. Na *Peregrinação*, de F. Mendes Pinto¹, encontrei o seguinte passo: «meninos. . . . com muitas jóias de ouro aos pescoços, e *xorcas* do mesmo nos pés». A esta palavra corresponde em hespanhol *axorca* (e *ajorca*): «los brazos e piernas desnudas á la costumbre de la tierra, pero con *axorcas* de oro»². Ambas tem origem no arabe³. Por causa da etymologia e da fórma hespanhola é que em alguns dictionarios nossos se lê *axorca*, e não, conforme a pronúncia de alguns AA. do seculo XVI, *xorca*; todavia Bluteau e Moraes só trazem a última fórma. — A palavra *xorca* não se presta, como digo, a equívocos, tanto mais que no radical arabe entra a ideia de «laço», «enlaçar». *Xorca* póde pois empregar-se em sentido geral, mantendo cada uma das outras significação especial: *torques*, do pescoço; *armilla*, da parte superior do braço, como a do guerreiro de pedra, na Ajuda; *bracelete*, *pulseira* e *manilha* na significação vulgar que tem; os adereços da coxa e da perna ficarão sem nome especial (pelo menos, não me recordo de nenhum que tenham), mas dir-se-ha, v. g., «*xorca* da parte inferior da coxa».

Voltando agora especialmente á nossa *xorca* de Cintra, tratarei de determinar a epocha a que ella pertence. Antes, porém, direi que, a julgar das informações que colhi, a *xorca* appareceu numa sepultura; pelo menos ao pé d'ella encontraram-se ossos humanos, o que tudo estava dentro de um espaço formado por duas bancadas de calcareo,

¹ Edição de Lisboa, 1711, cap. CLXVIII.

² Apud *Diccionario* de la Real Académia Española, t. I, 1726, s. v.

³ Vide a este respeito:

Fr. João de Sousa & Fr. José de Moura, *Vestigios da lingua arabica*, s. v. *azorca*;

Dozy & Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, s. v. *azorca*.

e coberto por lages toscas. A uns cem metros de distancia appareceram mais ossadas. O último facto leva a crer que o local teria sido cemiterio. Este local é o Casal-de-Sant'Anna, a uns dois kilometros ao Norte da villa de Cintra.

A xorca não constitue, no seu genero, objecto unico na nossa archeologia; constitue-o porém quanto á sua fórma especial, pois não se sabe de mais nenhum adereço igual a elle, já no modo de fechar, já principalmente na existencia de campanulas.

Prometti, a pag. 160 d-*O Archeologo*, dar aos leitores uma lista das xorcas (de ouro) que eu conhecesse analogas a esta. Aqui me desempenho da promessa. As xorcas de ouro que conheço, ou de que me lembro agora, são as seguintes:

a) Duas, achadas em Viseu, que creio estão hoje em poder de Sua Magestade El-Rei; sobretudo uma d'ellas tem muita belleza artistica (conheço-as por uma photographia);

b) Uma, tambem de grande belleza artistica, achada em Penella, e descrita pelo Sr. Possidonio da Silva no *Boletim Archeologico* do Carmo, iv, 62 e 63⁴ (com estampa), e pelo Sr. Cartailhac em *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 297 (igualmente com estampa); cfr. tambem Filippe Simões, in *Album de phototypias da exposição de arte ornamental*, pag. 16, nota 8; este objecto foi comprado por el-rei D. Fernando II, e deve hoje estar no Museu Real;

c) Um bracelete, que se diz ter sido achado a pouco mais de uma legoa de Tavira, e foi descrito por Estacio da Veiga nas *Antiquidades monumentaes do Algarve*, iv, 191 sqq. (com estampa); foi vendido pelos herdeiros d'aquelle illustre archeologo a um ourivez!

d) Duas xorcas (uma inteira, outra fragmentada), achadas na Boavista, ao pé de Almoester; examinei-as numa photographia que seu dono, o Sr. Laurentino Verissimo, distribuiu a algumas pessoas, acompanhada de uma indicação impressa; foram objecto de um artigo publicado no *Jornal de Santarem*, n.ºs 514 a 517 (1893), assignado por «F.», inicial do appellido de um distincto official de artilheria;

e) Sete braceletes achados em Folgosinho e Pena-Lobo (Beira-Baixa), mencionados pelo Sr. Martins Sarmiento no *Relatorio da Expedição da Sociedade de Geographia de Lisboa á Serra da Estrella*, pag. 15 (com duas estampas): um d'estes objectos existe na Sociedade Martins Sarmiento de Guimarães; outro possui-o a Senhora Condessa de Margaride; dos outros nada sei;

¹ Cfr. tambem pag. 70-72 (artigo de G. de Cougny).

f) Um collar achado em Reguengos, e descripto pelo sr. Gabriel Pereira in *O Manuelinho d'Evora*, de 20 de Julho de 1886;

g) Dois braceletes achados ao pé de Evora e descriptos no *Boletim da Associação dos Archeologos do Carmo*, 3.^a serie, t. VII, pag. 6 e 7; foram fundidos por um ourivez, isto é, por um vandalo!

h) Duas pulseiras, que existiam na collecção archeologica de el-rei D. Fernando, e são mencionadas pelo sr. Gabriel Pereira no citado artigo d-*O Manuelinho d'Evora*;

i) Um bracelete, achado nas abas do castro dos Castellejos, concelho de Alcacer-do-Sal, mencionado n-*O Archeologo Português*, pag. 81;

j) Dois braceletes (um inteiro, outro partido), achados na Pena, concelho de Cantanhede: vid. *O Archeologo*, pag. 159 e 314.

Alem d'estas xorcas sabe-se ainda de outras que tem sido registadas por acaso, e sem indicação das circumstancias archeologicas; d'ellas se encontra menção nos livros de chorographia, etc. De prata e de cobre ha tambem bastantes, que estão nas mãos de particulares e em museus publicos.

Das xorcas supra-mencionadas, umas são claramente braceletes, outras tinham diversa applicação; umas são lisas, outras são oitavadas, como uma do paragrapho *j*, outras offerecem ornatos, como as dos paragraphos *a*, *b* e *g*.

A xorca de Cintra deve remontar á epocha protohistorica, isto é, áquella que fica entre a prehistorica propriamente dita, e a romana. Auctorizam tal attribuição, de um lado o encontrarem-se em objectos caracteristicos da idade do bronze e da primeira idade do ferro ornatos analogos a este¹; do outro lado o não convir a fórma e qualidade do objecto, nem á civilização dos fins do periodo neolithico, nem á da epocha romana.

¹ A semelhança dos desenhos da xorca de Cintra com os da de Penella, mencionada a cima, n.^o *b*, é manifesta. Da xorca de Penella diz o Sr. Cartailhac: «L'anneau de Penella est couvert des mêmes dessins géométriques qui se retrouvent dans l'ornementation des objets de notre époque du bronze ou du premier âge du fer. Cela ne suffit-il pas pour déterminer son antiquité?» (*Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 299). Cfr. já tambem o que antes do Sr. Cartailhac dissera o Sr. Possidonio in *Boletim do Carmo*, IV, 2.^a serie, pag. 63.— Quanto aos ornatos angulares e ás cannelluras cfr. ainda E. Chantre, *Age du bronze*, Album, est. XXIV, onde se desenhavam objectos da idade do bronze; e cfr. igualmente as est. XLIX, LXI, etc.

Do uso de campanulas como ornatos, em objectos da primeira idade do ferro, fallei a cima.

Que os povos protohistoricos da Lusitania fizeram uso das xorcas prova-se pela archeologia. A cima fallei de uma estátua de pedra que hoje se conserva no jardim real da Ajuda: vid. um desenho d'ella n-*O Occidente*, ix, 248; o guerreiro, que nella se representa, tem na parte superior do braço uma serie de armillas, parece que quatro. Outra estátua da mesma natureza, hoje existente no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, e provinda de Fafe, tem tambem na parte superior de cada um dos braços duas armillas¹; d'ella publicarei um desenho adiante, pag. 350. Tambem não ha dúvida que estas estátuas são antigas: uma, semelhante a ellas, e existente em Vianna do Castello, já várias vezes descripta, contém uma inscripção latina, o que a faz remontar á epocha luso-romana; no emtanto a origem d'ella e das outras é mais antiga, é da epocha protohistorica, o que se vê, já das armaduras, que correspondem ao que d'este assumpto sabemos pela litteratura antiga e pela archeologia, já do facto de algumas terem apparecido proximo de castros pre-romanos.

A linguistica vem tambem em auxilio da archeologia. Tanto pela historia, como pelas inscripções, sabemos que se usou na Lusitania, e não raramente, a palavra *Viriatu*s como nome de homem. Ora esta palavra não é, ao que parece, outra cousa, na origem, senão um participio-adjectivo derivado da palavra celtiberica² *viriae*, que significa «armilla»; os Romanos denominaram *viriatu*s um homem que trazia *virias*, e depois o nome, de commum, tornou-se proprio, como succedeu com *torquatus*, (de torques), que se tornou tambem *Torquatus*, d'onde veiu a moderna fórma *Torquato*. Assim a existencia da palavra *Viriatu*s, que designa de mais a mais, entre outras personagens, um heroe lusitano do seculo II antes de Christo, prova, pelo seu lado — a ser exacta, como creio, a etymologia a cima indicada — a existencia de «armillas» nos Lusitanos³.

¹ Vid. Martins Sarmiento in *O Occidente*, ix, 246.

² Plinio, *Natur. Hist.*, XXX, XII (III).

³ Este etymo foi já proposto por Diefenbach, *Die alten Völker Europas*, 1861, pag. 439, e antes d'elle pelos grammaticos latinos (cfr. Hübner, *Monum. ling. Ibericae*, pag. LXXXIII).

Alguns AA., e entre elles o Sr. Dr. Antonio de Vasconcellos no seu erudito opusculo *Viriatho*, 1894, não adoptam esta opinião, pelo facto de a palavra se escrever em grego *Οβριάδος*. Antes de mais nada notarei que não é aquella a unica fórma grega; ha outras: *Υβριάδος*, *Βοβριάδος*, *Οβριάδος* e *Οβριάδος* (vid. Pape, *Vörterbuch der griech. Eigennam.*, 1884, t. I e II, s. v.; e Hübner, *Monum. ling. Ibericae*, index, s. v.); da ed. de Estrabão (Didot, 1853, pag. 957 e 981) vejo

Sem desejar arriscar-me no terreno das hypotheses, não posso deixar de lembrar que a riqueza do adereço de Cintra faz crer que elle pertencia a alguma alta personagem, que com elle foi enterrada. Os povos antigos, como acreditavam que os mortos iam ter na outra vida as necessidades d'esta, não duvidavam pôr junto dos cadaveres armas, instrumentos de trabalho, comidas, louças, vestuarios e joias. Não desenvolvo aqui este ponto, porque me occupo d'elle, com bastante miudeza, nas minhas *Religiões da Lusitania*, vol. 1, cap. III.

A historia antiga da região cintrã fica, pois, dotada de mais um documento. Nesta historia conheciamos já o seguinte: tumulos da idade da pedra, e muitos instrumentos neolithicos achados pelo concelho; lendas, transmittidas pelos AA. classicos; monumentos romanos, que consistem em inscripções e objectos. Taes documentos classificam-se em: a) prehistoricos; b) protohistoricos; c) romanos. A xorca de que tenho tratado pertence, como disse, á segunda classe.

J. L. DE V.

que tambem ha codices que tem *Οἰριάτορος* e *Οἰριάτορος*: tudo isto prova a incerteza dos textos gregos. Dos AA. romanos, uns offerecem *Viriatus*, outros *Viriathus*. Como Viriato viveu no seculo II A. C., e nenhum dos AA. gregos e romanos que citam a palavra é contemporaneo d'elle, sendo-lhe pelo contrário posteriores alguns seculos, o seu testemunho, a respeito de phonetica, não pôde ter tanto valor como o de textos epigraphicos que representem a pronúncia do povo. Ora na Peninsula, na epocha romana, não era raro, como digo no texto, o uso da palavra *Viriatus* como nome proprio; fóra da Peninsula apparece tambem *Viriata* (apud Hübner, *loc. laud.*): e sempre, em todas as inscripções, se lê VIRIATVS (e VIRIATA) sem H.—Se os gregos adoptaram o *θ*, isto foi, quanto a mim, talvez devido á influencia de palavras acabadas em *-θος*; igualmente apparece em grego ás vezes *βάκκις*, em vez de *βάκκις*, por influencia, como penso, de *βάκχος*; tambem em portuguez quasi toda a gente escreve erradamente *Marianna* com *nn*, em vez de *Mariana*, por influencia de *Anna*, e *lyrio* com *y*, em vez de *lirio*, por influencia de *lyrico*. Á cêrca da influencia que uns nomes exercem noutros vid. Andresen, *Ueber deutsche Volksetymologie*, Heilbronn 1877, 2.^a ed., e a crítica de Förstemann á 1.^a ed. d'este livro in *Zeitschrift für vergl. Sprach.*, de Kuhn, N. F., III, 376: ahí se citam muitos exemplos colhidos em grego e noutras linguas. Nos textos antigos, ha outras palavras em que apparece *th* por *t*, por exemplo: *Cathuriges* em vez de *Caturiges*. A predilecção pelo *th* existe ainda hoje: quasi sempre se escreve, sem haver para isso razões scientificas, *Thomar*, *Thedo*, *Thuias*, *Thiago*, *Mathosinhos*, *Themudo*, *theor*, e ás vezes *athé*, tudo com *th* em vez de simples *t*.

Bem sei que nem sempre os textos epigraphicos são guia segura; no entanto, se a textos litterarios que offerecem *Viriathus* se podem contrapôr outros, igualmente litterarios, que offerecem *Viriatus*; se a pronúncia local na epocha romana era VIRIATVS; se ésta fórma se explica satisfactoriamente por *viriae*, como outras analogas (*Torquatus*, *Cincinnatus*, etc.), o que faz suppor que o *h* é puramente adventicio: prefiro, em portuguez, escrever *Viriato* sem *h*.